

Ê boi: cultura popular na educação infantil

Ê boi: popular culture in early childhood education

Andria Magalhães Cordeiro ¹

1 <https://orcid.org/0000-0003-1827-7748>, Universidade Estadual do Ceará,
andriamagalhaes@gmail.com

RESUMO

Este relato reflete sobre as potencialidades da cultura popular na educação infantil e apresenta uma experiência que ajuda a compreender os modos como essa forma de expressão pode se transformar em ferramenta pedagógica. Durante nossas rodas de conversa, descobrimos que uma das cantigas preferidas da turma era a do “Boi da cara preta”. Concentramos nossa atenção na figura do boi, que é, de fato, o personagem que exerce fascínio e desperta curiosidade. Como fundamentação teórica, utilizamos os escritos de Walter Benjamin (2009), Bernard Charlot (2013), Paulo Freire (1996), Jorge Larrosa (2019), BNCC (2018) e a Proposta Pedagógica do CEI Almerinda de Albuquerque (2024). Concluímos que o exercício contínuo de aprender a escutar nos revelou o quanto é necessário à prática docente falar com as crianças e não para as crianças. Constatamos que é dever da escola oportunizar às crianças o acesso a bens culturais, independentemente de seus contextos sociais.

Palavras-chave: Educação Infantil; Cultura Popular; Formação.

ABSTRACT

This report reflects on the potential of popular culture in early childhood education and presents an experience that helps to understand the ways in which this form of expression can be transformed into a pedagogical tool. During our conversation circles, we discovered that one of the group's favorite songs was “Boi da cara preta”. We focus our attention on the figure of the ox, which is, in fact, the character that fascinates and arouses curiosity. As a theoretical foundation, we used the writings of Walter Benjamin (2009), Bernard Charlot (2013), Paulo Freire (1996), Jorge Larrosa (2019), BNCC (2018) and the CEI Almerinda de Albuquerque Pedagogical Proposal (2024). We concluded that the continuous exercise of learning to listen revealed to us how necessary it is for teaching practice to speak with children and not for children. We note that it is the school's duty to provide children with access to cultural goods, regardless of their social contexts.

Keywords: Early Childhood Education; Popular Culture; Training.

1. INTRODUÇÃO

Este relato tem como objetivo refletir sobre as potencialidades da cultura popular na educação infantil e apresentar uma experiência que ajude a compreender os modos como essa forma de expressão pode se transformar em ferramenta pedagógica. A escola, assim como a família, é um espaço de socialização da cultura, da diversidade e de valores diversos. É nela que ocorre a transmissão de conhecimentos historicamente produzidos. Nesse sentido, a escola também está

submetida a mudanças de uma sociedade imersa em práticas digitais de comunicação por meio de plataformas, tais como Instagram, TikTok, Facebook e YouTube, que influenciam a maneira como as pessoas se relacionam.

As crianças, por menos idade que tenham, mas já familiarizadas com essas ferramentas, trazem para o contexto escolar a influência da inserção digital no mundo, hoje acessível ao toque de um aparelho celular. Elas incluem em seu repertório vocabular músicas que “viralizaram” em redes digitais, ainda que inapropriadas para a sua fase de desenvolvimento, como “Pão de queijo” e “Olha o gás”. Além disso, reproduzem “dancinhas”, criando uma coreografia comum, partilhada com a mediação da tecnologia, cada vez mais presente como esse elemento a partir do qual até mesmo uma língua própria vai se consolidando. Nesse movimento, perdem-se as singularidades, e as tramas culturais, resultado da sedimentação das comunidades no tempo e no espaço, se empobrecem, seja pelo esquecimento, seja pela substituição.

Compreendendo a educação infantil como o início e o fundamento de uma trajetória educacional dos sujeitos, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), nos perguntamos sobre o que tem feito a instituição escolar para que as crianças tenham acesso aos bens culturais populares, esses mesmos que dão liga aos grupos sociais. Que ações estão sendo realizadas, para além da rememoração por vezes mecânica de datas comemorativas, que restabelecem uma sensação de pertença que não esteja totalmente atravessada ou dependente dessa mediação tecnológica?

Concebendo o papel do educador como mediador do processo de desenvolvimento da criança e, sobretudo, do seu compromisso ético, estético, social e político com a particularidade de cada contexto social em que elas estão

colocadas, resolvemos tornar visível a figura imaginária do boi, convidando-o para cantar e dançar em nossa sala de referência. Entendemos que a brincadeira possui um papel importante na forma como a criança se relaciona com o outro e com o mundo, como expressa seus sentimentos e os verbaliza.

Charlot (2013, p. 178), afirma que, “por ser a educação, indissociavelmente, construção de si mesmo e apropriação do mundo humano, ela é um movimento de dentro alimentado pelo que o educando encontra fora de si mesmo”. Portanto, a escola, a nosso ver, se configura como um espaço em que a cultura pode ser compartilhada, vivenciada, apropriada e criada entre adultos e crianças, partindo-se da ideia de que elas devem se sentir encorajadas a dar vazão a esses conteúdos com os quais posteriormente será possível elaborar brincadeiras em que os seus sentimentos estejam sendo trabalhados.

Quem era esse boi? O que ele gostava de comer? Em nossos diálogos com as crianças a partir da audição da música, muitas hipóteses foram levantadas por elas, como, por exemplo, a de que o boi era grande, que ele ia entrar em nossa sala e “pegar” as crianças, de que ele gostava de dançar. Vê-se aí, de partida, que a turma assume uma postura ativa na confecção de um imaginário no centro do qual a figura do boi ocupa posição central. Um boi já caracterizado, com traços e forma e mesmo um tipo de personalidade. É um animal, mas está também próximo do humano – um boi que sabe dançar, atributo que o aproxima das próprias crianças, reduzindo o temor e ressituaando o sentido original da cantiga, feita para assustar as crianças. Ali, o boi se tornava parte da roda, um boi-brincalhão que se diverte dançando e fazendo dançar.

2. MÉTODO

Antes de seguirmos, é importante contextualizar um pouco o ambiente no qual essa experiência se inscreve, que é o Centro de Educação Infantil (CEI) Almerinda de Albuquerque, unidade de ensino da rede municipal localizada na comunidade do Lagamar, na periferia de Fortaleza. Trata-se, como alguns devem saber, de uma localidade estigmatizada, cujo cotidiano é rapidamente associado a valores como violência, drogas etc.

O CEI Almerinda se situa numa área profundamente vulnerável social e economicamente. Historicamente, o Lagamar é uma região negligenciada, com déficit de políticas públicas ao longo do tempo, entre as quais a de saúde, educação e habitação, mas também de mobilidade urbana e conservação pública. O bairro detém baixo IDH, mesmo estando próximo de uma vizinhança com poder aquisitivo relativamente maior.

Uma creche instalada em um entorno com essas características acaba por influir em sua organização e nos seus processos pedagógicos. Sua ambiência externa é sempre levada em conta nas atividades por se desenvolverem, seja na tentativa de implicar os pais no dia a dia da escola, seja como forma de acolher de modo especial as crianças cujas famílias foram desestruturadas por fatores diversos. O CEI Almerinda de Albuquerque sempre organiza propostas que aproximam a instituição do seu entorno, envolvendo a comunidade e levando as crianças para vivenciarem experiências nos espaços da região, como as vielas, o VLT, a praça, a feira, etc.

Retomando a nossa experiência no primeiro semestre de 2023, desenvolvemos, com as crianças da turma Infantil II A (Integral), do CEI Almerinda, o projeto “Arte efêmera: memória eterna”, que teve como objetivo levá-las a vivenciar diversas formas de expressão, a exemplo das artes visuais (pintura,

modelagem, colagem e fotografia), música, teatro, dança e audiovisual, exercitando a autoria individual e coletiva. Tal projeto foi inspirado a partir dos interesses das próprias crianças, ou seja, com base no que manifestavam em sala ou nas atividades cotidianas, e sistematizado pela coordenação e professoras da referida instituição.

Conforme seu Projeto Político Pedagógico (PPP), “o trabalho pedagógico desenvolvido pelo atual grupo de educadoras é marcado pela pesquisa, pelo compromisso na construção de uma educação de qualidade e pela reflexão contínua sobre a prática” (2021, p. 3). Como professora recém-chegada à instituição, pude acompanhar de perto o compromisso de todos os profissionais para tornar as práticas pedagógicas experiências significativas para as crianças matriculadas, e não apenas um conjunto vazio de diretrizes a serem seguidas, mas cuja relevância não tem sentido para as comunidades locais. Assim, todas as ações ali planejadas eram executadas com muito zelo e participação de todos, dos professores à família.

Os pequenos participaram de vivências que respeitaram os seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a exemplo do brincar, conviver, expressar, conhecer-se e explorar. Essas experiências foram pensadas levando-se em consideração os interesses que eles demonstraram ao longo do período, como a projeção de sombras, o desenho livre, a pintura, a criação de esculturas e instalações artísticas, a música e a dança.

Durante nossas rodas de conversa no Almerinda – momentos ricos de trocas culturais entre crianças e adultos –, descobrimos que uma das cantigas preferidas da turma era a do “Boi da cara preta”, peça tradicional do cançãoeiro popular, característica da cultura nordestina e muito presente na infância. Nas

rodas de canções, por exemplo, a música era pedida pelas crianças repetidas vezes. Nós então ressignificamos essa canção com o “Boi da cara de todas as cores”, pois compreendemos que vincular a cor preta a um comportamento negativo é uma conduta racista. Posteriormente, ampliamos o repertório musical das crianças apresentando a música “Boi Bumbá”, de Luiz Gonzaga, que começa com o mugido do boi, que de imediato chamou a atenção das crianças. Elas ficaram ansiosas para dançar. Nesses momentos, dançamos à vontade pela sala de referência. Essa atividade deixou claro que a cultura popular possibilita que as crianças não somente se apropriem de gestos, brincadeiras, danças e músicas, como também sejam criadoras de sua cultura. Resolvemos concentrar nossa atenção na figura do boi, que é, de fato, o personagem que exerce fascínio, desperta curiosidade e certo medo ao mesmo tempo, sendo mítico e mágico. Como fundamentação teórica, utilizamos os escritos de Walter Benjamin (2009), Bernard Charlot (2013), Paulo Freire (1996), Jorge Larrosa (2019), BNCC (2018) e a Proposta Pedagógica do CEI Almerinda de Albuquerque (2024).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência “Ê, boi!” teve como objetivo compartilhar com as crianças a cultura popular, em especial a brincadeira de roda com o boi. Aqui, vale mencionar, de passagem, que a educação não é neutra. Freire (2010, p. 102) considera que, “por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura”. Portanto, o trabalho desenvolvido com as crianças tem uma intencionalidade pedagógica, que é a de possibilitar o acesso delas a bens culturais, ampliando horizontes e permitindo contato com expressões variadas. É preciso, mais do que nunca, não apenas resgatar nossa cultura popular, que é viva

e cheia de significados, mas torná-la parte do dia a dia, envolvê-la na ação das crianças em sala de aula e no ambiente da escola como um todo, de modo a enriquecer o seu repertório. Para isso, é fundamental trazer à memória as brincadeiras de roda, as canções, as danças e os jogos, a fim de que esse patrimônio não se perca, permanecendo vivo como nexos sociais em comunidades dentro das quais as escolas estão presentes.

3.1 Parar para escutar...

Inicialmente, destinamos um espaço de escuta nas rodas de conversa para que a turma elaborasse suas hipóteses a respeito do boi. Por que ele chamava a atenção? O que havia de tão mágico no boi? Com o que ele se parecia? As crianças logo começaram a perguntar: “O boi vem?”. E continuaram: “Ele tá vindo, vamos ‘se’ esconder! O boi vai me pegar”, dando forma ao imaginário. Nele, o boi é parte da brincadeira. Ele assusta, mas também participa, dança, diverte-se, em suma, o boi assume o papel de mediador das próprias fantasias e experiências das crianças.

Neste ponto, convidamos a uma reflexão sobre a importância de parar para estar verdadeiramente com as crianças. Escutá-las atentamente, levar a sério os seus medos, celebrar suas descobertas e aprender com as suas sutilezas. Nas palavras de Larrosa (2019, p. 26), “[...] é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada ameaça, a quem nada ocorre”. Para nós, a escuta, seja da linguagem verbal, de sons, de gestos ou até mesmo do silêncio das crianças, é vital para que possamos compreendê-las como sujeitos que participam da criação da cultura. Assim, podemos entender a curiosidade em torno

do boi, ouvindo-as falar de maneira eufórica sobre o animal, maravilhando-se com os sons que ele produz etc.

3.2 Parar para perceber...

Nossas rodas de canções também foram permeadas pelos pedidos das crianças para cantarolar a música “Boi da cara preta”, que se tornou, no cotidiano da sala, o “Boi da cara de todas as cores”, como já referido. Nessas situações, elas queriam que seus nomes fossem citados nas cantorias. Percebemos, aí, o desejo delas de se fazerem presentes nas rodas de canções como sujeitos singulares, com identidade própria, demonstrando agência na construção da história, não apenas ouvindo o desenrolar das peripécias do boi.

Resolvemos, a partir disso, tornar visível a figura do boi, que, até então, atravessava somente nosso imaginário. Apresentamos às crianças vídeos sobre bois em fazendas. Quando um vídeo terminava, elas logo diziam: “Agora outro boi!”. Também confeccionamos com elas um boi feito com uma caixa de papelão grande, tintas coloridas e tecido de chita. Dirigimo-nos ao pátio da creche e, ao som da música “Boi Bumbá”, que se tornou uma das canções mais pedidas pelas crianças, fizemos uma roda em torno do boi, que na verdade era uma das crianças. Todas elas tiveram oportunidade de se transformar no boi para dançar no centro da roda, não mais como espectadores, mas como participantes da brincadeira, que se inventava enquanto era brincada.

Figura 1 – Brincadeiras de roda



Fonte: acervo do CEI Almerinda de Albuquerque.

Figura 2 – Brincadeiras de roda



Fonte: acervo do CEI Almerinda de Albuquerque.

Acerca do imaginário da criança, Benjamin aponta:

Atrás do cortinado, a própria criança transforma-se em algo ondulante e branco, converte-se em fantasma. A mesa de jantar, debaixo da qual ela se pôs de cócoras, a faz transformar-se em ídolo de madeira em um templo onde as pernas talhadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta, ela própria é porta, incorporou-a como pesada máscara e, feita um sacerdote-mago, enfeitiçará todas as pessoas que entrarem desprevenidas (Benjamin, 2009, p. 107-108).

Como se percebe, a capacidade de fabulação da criança é um elemento rico a partir da qual se podem criar mundos com materiais do cotidiano. Desse modo, uma caixa vira um boi dançarino e uma mesa se converte em templo, segundo o trecho destacado acima. O importante é que as crianças sejam autoras de seu processo de aprendizagem, ajudando a elaborar as próprias ferramentas a partir das quais o aprendizado se constrói, misturando experiência, fantasia e brincadeira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos aprendizados foram construídos ao longo da experiência vivenciada na creche. O primeiro deles diz respeito ao tempo dedicado para escutar as crianças, partilhando de suas descobertas, medos e aventuras. Esse tempo não deve ter hora marcada para acontecer nem se restringir às rodas de conversas. Ele deve ser fluido e estar presente em todas as situações do cotidiano escolar. O exercício contínuo de aprender a escutar nos revelou o quanto é necessário à prática docente falar com as crianças e não para as crianças, saber ouvi-las com interesse genuíno de quem está disponível. Quando escutamos as crianças, aprendemos a brincar com elas e a respeitá-las como sujeitos ativos produtores de cultura.

O segundo aprendizado é a constatação sobre o dever que a escola tem de oportunizar às crianças o acesso a bens culturais, independentemente de seus contextos sociais. Mais do que nunca, em uma sociedade em que a comunicação entre as pessoas está pautada, principalmente, pelo uso da internet, faz-se necessário que a instituição escolar seja um espaço de socialização e construção de saberes e culturas.

Mas, para além dos aprendizados que podemos mensurar, há aqueles que dizem respeito à fruição, ao prazer e à alegria de simplesmente ser livre para cantar e dançar. As crianças são puro movimento, e oportunizar situações em que elas possam utilizar o corpo como forma de expressão é imprescindível para a sua formação. Essa prática as coloca em contato com o mundo letrado, dando acesso a outras dimensões da linguagem e da comunicação. A cultura popular é fator indispensável para a humanização, ou seja, é uma necessidade das crianças desde a mais tenra idade.

A experiência do “Ê, boi!” não chegou ao fim. Pelo contrário, ela é o começo de muitas aprendizagens significativas que serão descobertas pelas crianças e educadoras no dia a dia da creche. O mugido do boi continua reverberando nas memórias das crianças. Mesmo após a conclusão do ano letivo de 2023, as crianças da referida experiência, agora já em outra turma e com outra educadora, continuam pedindo a música do boi, mas não é qualquer música. É a música “Boi bumbá”, de Luiz Gonzaga. *Vamo dançar o boi, pessoal? Ê boi, ê boi, ê boi do mangangá.*

5. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões:** a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 42ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª. ed; 4. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PROPOSTA PEDAGÓGICA. Centro de Educação Infantil Almerinda de Albuquerque, Fortaleza, Ceará, 2024.

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará - PPGE/UECE. Graduada Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Professora efetiva da rede municipal de Fortaleza.

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

CORDEIRO, A. M. Ê BOI: CULTURA POPULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6, p. 1-13, 2024.

Submetido em: 30/08/2024

Revisões requeridas em: 19/09/2024

Aprovado em: 10/10/2024